

# Considerações sobre a questão do "EU" em Moreno\*

*Suzana Modesto Duclós\*\**

*Carmen Silvia Andaló\*\**

*Pedro Bertolino\*\*\**

## 1 — INTRODUÇÃO:

Nosso trabalho tem caráter interdisciplinar. Foi elaborado por três professores da Universidade Federal de Santa Catarina: Duas Psicólogas Psicodramatistas e um Professor de Filosofia com formação na área da Fenomenologia. Visando gerar conhecimentos que atendam a necessidades profissionais e contribuam de alguma forma para o desenvolvimento do Psicodrama entre nós.

O próprio Moreno, em Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, observa o seguinte:

*"Deve ser feita uma diferença entre os métodos psicodramáticos e a filosofia terapêutica sobre a qual se baseiam esses métodos. Enquanto os métodos encontram reconhecimento em todo o mundo, minha filosofia terapêutica é ainda discutida. Esse é um desenvolvimento natural. Os diferentes métodos são utilizados não apenas por psicodramatistas, mas também por psicanalistas das diferentes escolas, por psicólogos do indivíduo, sociólogos, antropólogos, industriais e conselheiros religiosos. O tempo e novas pesquisas mostrarão se meus métodos poderão ser utilizados de maneira mais eficiente, sem que se aceite minha fundamentação teórica." (pp. 136/6).*

---

\* Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Psicodrama — Caiobá, Paraná, outubro — 1982.

\*\* Professoras do Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas da UFSC.

\*\*\* Professor do Departamento de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da UFSC.

É bem nessa perspectiva que se situa nossa reflexão ainda embrionária. Parece-nos que, para podermos avaliar convenientemente as diversas ramificações de práticas e/ou teorizações psicodramáticas, faz-se necessário definir, de modo mais claro possível, as vigas mestras ou as coordenadas básicas do pensamento de Moreno. Somente depois disso, poder-se-á talvez verificar o que se perdeu ou o que se ganhou mediante esta ou aquela opção teórica ou prática.

De qualquer modo, o pensamento de Moreno compreende ao mesmo tempo uma teoria geral do ser da realidade e uma metodologia da prática terapêutica: isso parece-nos pacífico. O que não está claro para nós é a possibilidade de se renunciar à filosofia terapêutica moreniana, que implica uma intuição religiosa do universo e a idéia de um Eu/Deus, sem perder sua teoria da personalidade e, conseqüentemente, a essência do Psicodrama. É o que nos preocupa, por fim, e o que visamos esclarecer.

Neste momento, porém, o que estamos apresentando se restringe a apontar alguns elementos que nos parecem fundamentais, no sentido de se compreender o projeto de Moreno e sua Teoria da Constituição do *Eu*. Daí o título deste trabalho e o fato de ele seguir uma perspectiva mais antropológica do que psicogenética: estamos, no momento, mais interessados na noção de homem do que no processo de estruturação do *Eu* em cada indivíduo.

Foi com esse objetivo que pesquisamos nas seguintes obras de Moreno:

- a) El Teatro de la Espontaneidad (TE)
- b) Psicodrama (PS)
- c) Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (PP)
- d) Fundamentos de la Sociometria (FS).

Ao longo do texto, remetemos a essas obras através das siglas entre parênteses, acompanhadas do respectivo número das páginas. A referência completa às mesmas e às demais obras de intérpretes ou críticos de que nos valermos subsidiariamente, encontra-se no final do trabalho.

## 2 — O CONTEXTO CULTURAL

O relato do nascimento de Jacob Levi Moreno, em seus diversos estudiosos, apresenta ainda certas divergências, principalmente

quanto a datas ou circunstâncias (1). Está fora de dúvida, no entanto, que ele viveu sua juventude em Viena e lá fez seus estudos de medicina e filosofia, formando-se por volta de 1917. Isso é suficiente para indicar o contexto cultural-científico, histórico, social e político — em que nosso autor concebeu seu projeto e formulou suas idéias básicas.

A chamada Civilização Ocidental Cristã vivia nessa época momento avançado de uma crise profunda, que remonta no mínimo ao final do século XVIII e se estende ainda até nossos dias (2). Estavam radicalmente em questão as ciências do homem e da natureza, as políticas e as morais, as filosofias e as religiões ou teologias. Em todos esses domínios, registravam-se descobertas, teorias, conquistas e movimentos, objetivando ultrapassar aquela situação virulenta e caótica que constituía o grande desafio aos intelectuais de todas as áreas.

A Psicanálise de Freud (e sua escola) revolucionava a medicina no que concerne às designadas “doenças mentais” e impunha ao mesmo tempo uma nova interpretação do aparelho psíquico e do homem todo (3). A Fenomenologia de Husserl punha em questão toda a filosofia anterior, propondo uma “volta às coisas mesmas” e uma decisiva retomada do mundo da vida e do vivido. Era a tentativa de recuperação da realidade objetiva ou mundana por parte das ciências humanas e a contestação radical do *psicologismo*, que reduzia o conhecimento e o homem aos processos psíquicos (4). Por sua vez, Karl Jaspers revolucionava a Psicopatologia Geral, propondo uma Psiquiatria compreensiva, que objetivava alcançar o sujeito em sua singularidade ou concreticidade existencial (5). Estava questionada toda a Psiquiatria Explicativa ou causalista, que se consubstanciava por fim numa espécie de física da consciência ou do psíquico (6).

A Física, devido à incerteza quântica, apelava para a estatística com Max Plank, por volta de 1900, e assim trocava o imutável pelo provável. O discurso das ciências da natureza que, até o final do século XIX, se dava por expressão rigorosa de certezas indescartáveis, esbarrava na sua própria precariedade. É Albert Einstein que observa a esse respeito:

*“Não há, em Física Quântica, lugar algum para declarações como esta: “Esse objeto é assim, tem tal propriedade”. Em vez disso, temos declarações desse tipo: “Há tal probabilidade de que o objeto individual seja assim e tenha tal propriedade”. Em vez disso, temos declara-*

*ções desse tipo: "Há tal probabilidade de que o objeto individual seja assim e tenha tal propriedade". Não há lugar algum na Física Quântica para leis governando as alterações dos objetos individuais no tempo. Em vez disso, temos leis que governam as alterações de probabilidade no tempo". (7)*

Era a passagem da chamada "segurança científica" ao domínio do contingente e de uma noção de universo que não ia além de algumas hipóteses apenas prováveis ou, até mesmo, de meras fantasias muito sofisticadas. Estavam questionadas todas as teorias cósmicas.

Enquanto isso, o processo revolucionário das estruturas de poder, iniciado pela Revolução Francesa no século XVIII, desembocava na Revolução Russa de 1917, e uma nova ordem jurídica, econômica e social se estabelecia, como radical ruptura com tudo que, até então, se experimentara na designada Civilização Ocidental Cristã. Pela primeira vez, as idéias de Marx, Engels e Lenine se consubstanciavam numa forma de estado e de sociedade. O Sacro Império Romano do Ocidente, que somente pró-forma se findara em 1807, enfrentava a mais significativa e decisiva de todas as suas cisões. A proposta e a perspectiva do Comunismo Internacional ameaçavam todas as ordens estabelecidas e renunciava um novo processo civilizatório. Estava em "cheque" toda a ordem mundial, já tão complicada e frágil, que desencadeara a Primeira Grande Guerra, de 1914 a 1918. De uma forma ou de outra, as políticas e as morais passavam por profundas transformações na teoria e na prática.

No domínio da religião cristã, o pensamento luterano chegava a um dos seus pontos mais avançados. O teólogo suíço Karl Barth publicava um comentário à epístola de São Paulo aos Romanos (*Der Romerbrief*), postulando a idéia religiosa de um mundo sem Deus (8). Estava desencadeado o movimento da *teologia dialética* e o denominado *ateísmo teológico*. A própria religião declarava o homem responsável por suas leis, sua moral e sua história. Nietzsche, que fora o grande ateu do século anterior, era praticamente convertido em profeta do século XX, e o seu Zaratustra viria a ser considerado "a *imagem dialética moderna de Jesus*". (9)

Moreno viveu intensamente esse drama da nossa época e o interpretou com o máximo de clareza, como se constata em várias passagens dos seus escritos (10). Para ele, ficou evidente que o processo

civilizatório desenvolvido pelas forças do Império Romano, ao apanágio do Cristianismo como ideologia, esgotara suas últimas possibilidades. Era preciso conceber ou lançar as bases de uma nova civilização, promover uma reconstrução da humanidade e estabelecer uma nova ordem mundial que, para ele, deveria ser *A ORDEM TERAPÊUTICA* (pp — pp. 25/6). Por isso, idealizou o plano de

*"não só construir uma teoria da personalidade superior à de Freud — Psicodrama — e uma teoria social superior à de Marx — Sociometria — mas construir uma teoria cósmica que pudesse desempenhar, em nossa época, o papel do Novo e Velho Testamentos, do Corão e das Preleções de Buda". (. . . pp — p. 9).*

Assim, aquilo que tem sido tomado muitas vezes por reflexo de uma paranóia moreniana, não é mais do que um esforço corajoso e muito lúcido de atender a uma necessidade histórica; mesmo porque não foi e continua não sendo privilégio de Moreno uma proposta de transformação tão profunda e radical. Forjada noutros termos, vamos encontrá-la nos maiores pensadores contemporâneos a ele.

É verdade que a estrutura do pensamento moreniano se alicerça numa intuição mística do universo, mas isso não constitui uma exclusividade dele. Todas as grandes teorias ocidentais apresentam tal característica. Copérnico sustentou sua teoria cósmica numa intuição religiosa, e seu escopo era sabidamente religioso (11). Einstein expressou reiteradamente que não formularia a sua Teoria da Relatividade sem fé na harmonia do universo (12) ou sem a convicção profunda de que *"o bom Deus não joga dados"*. Isso para citarmos apenas dois exemplos.

Por outro lado, toda Psicologia implica uma antropologia e uma cosmovisão, ou seja, uma concepção ou definição do ser do homem e uma teoria geral do ser da realidade. Se Moreno houvesse ignorado isso não teria isso além da descoberta de algumas técnicas que nos deixariam à mercê das psicologias anteriores e da Psicanálise. Sabemos, entretanto, que o significado verdadeiro da proposta moreniana ou do Movimento Psicodramático reside exatamente na perspectiva de superação de tudo isso. Este fato fica muito evidente quando estudamos a questão do "Eu" em Moreno.

### 3. — A QUESTÃO DO "EU" EM MORENO

Moreno rejeita todas as psicologias que teorizam a constituição ou estruturação do *eu*/humano através da extrapolação da psicologia animal, tomando-as por "excrecência da teoria da evolução" (PS, p. 87). E não procede de modo diferente com a Psicanálise, considerando que esta infere as fases e processos de desenvolvimento psicológico do homem a partir das síndromes patológicas do adulto neurótico. Para ele, a perspectiva mais verdadeira é aquela que encara a criança como gênio em potencial, dando ênfase à sua "*natural e contínua espontaneidade e criatividade*". (PS, p. 87)

Com efeito, Moreno pretende equacionar todo o problema de nossa época a partir da noção de **ESPONTÂNEO CRIADOR** (TE, p. 25). Esta é a vigia mestra do seu pensamento em todos os planos e o motivo de todas as suas iniciativas. Ele confessa mesmo que, em sua juventude, vivenciava essa noção como uma idéia fixa que poderia até parecer doença. Logo em seguida, no entanto, salienta que ela "*se converteu na fonte perene de produtividade*", explicando que

*"por ela se postula a existência de uma espécie de natureza primordial, que é imortal e reaparece em cada nova geração, um primeiro universo que contém todos os seres"* (TE, p. 26).

Essa "*natureza primordial*" é a espontaneidade concebida como transcendência absolutamente transcendente, ou seja, como princípio que precede a tudo, inclusive a Deus, e escapa a todas as leis, mesmo às da natureza, constituindo-se em "*matriz da capacidade criadora*" (TE, p. 34) em todas as dimensões.

Moreno salienta que "*uma teologia da divindade não pode começar sem esse conceito de espontaneidade como primeiro princípio*" (PS, p. 158). Assim, o *EU*/divino (yo universal de Dios) para o nosso autor, é função da espontaneidade tanto quanto o *EU*/humano (yo del hombre); e mais:

*"se o eu do homem pode expandir-se em capacidade criadora e em poder como parece mostrar toda a história do homem — então deve existir alguma relação entre a idéia do EU/humano e a idéia do Eu universal de Deus* (TE, p. 34).

Noutros termos: fiel à noção de **ESPONTÂNEO CRIADOR** e convencido de que "o núcleo do problema não é Deus (...) mas sim a origem, a realidade e a expansão do Eu" (TE, p. 35) Moreno elucidou primeiro a questão da constituição do Eu e, baseado nesta, estabeleceu tanto a noção de Deus quanto a noção do homem. Ou ainda: a questão de Deus e a questão do homem, em Moreno, são equacionadas a partir da noção de EU, em ambos os casos concebida como função da mesma espontaneidade. Por isso, no contexto do seu pensamento, trata-se sempre de um Deus/Eu e não mais de um Deus/Tu, Ele ou Aquele como ocorre no Cristianismo.

Isto, nos leva a compreender a relação homem x Deus numa perspectiva horizontal, de acordo com o Hassidismo (Fonseca, p. 67) e não mais em termos verticais como propõe a Doutrina Cristã. Do mesmo modo, a relação Deus x Cosmos ou Deus x Criação, passa a ser pensada noutra perspectiva. Moreno pretende tacitamente ultrapassar a Cosmologia e a Cosmogonia do Novo Testamento, declarando:

**"No começo era a palavra, disse São João, Evangelista"**

**(...) Avancemos mais. No começo era o fazedor, o ator, no começo era Eu, o criador do Universo. (TE, p. 43).**

Nessa concepção não há primeiro um Deus que posteriormente cria o Universo como algo distinto de si. Esse "eu" do começo é apenas um começo de "eu". Como todo **ESPONTÂNEO CRIADOR** também Deus somente se constitui pelo ato ou pela criação, bem de acordo com o Hassidismo, para o qual "a criação (*shechinah*) vegetal, animal, humana, é Deus" (Fonseca — pp. 69/70).

Neste sentido Deus só poderá aparecer propriamente como Deus/eu, após a história ou toda a criação momento de expansão máxima da *espontaneidade* (PS, p. 156). É por isso que Moreno insiste em considerar a história como "parte do momento, *sub species momenti*" (PP, p. 9) e jamais o contrário. Assim, toda a duração cósmica não é mais do que um ato: aquele pelo qual Deus se constitui em Deus/eu.

O homem, sem dúvida, é para Moreno "um Deus embrionário" (TE, p. 38). Salienta, porém, logo a seguir, que isto "nada tem a ver com a idéia do homem-Deus e com outras concepções antropomórficas semelhantes" (TE, p. 39), o que está novamente muito de acordo com o Hassidismo, para o qual "Deus está em todas as coisas do

*mundo, na Criação. As centelhas divinas do mundo são liberáveis. Quando acontece a liberação, o Deus latente aflora (Fonseca, p. 67). Portanto, não se trata da divinização apenas do homem, mas de todo o cosmos. Aliás, o próprio Moreno expressa textualmente:*

*"Não estamos interessados na divinização do indivíduo isolado, e sim, para empregar uma comparação religiosa, na divinização da totalidade do universo, na sua auto-integração". (TE, p. 39).*

É dentro dessas perspectivas que Moreno formula suas idéias referentes à constituição do *Eu/humano*, concebendo-o sempre como função da *espontaneidade*. Para ele, esse *Eu* aparece como "*cadinho*" em que se fundem influências vindas de muitas direções e, embora apresente várias dimensões (social, sexual, biológica e cósmica), haverá de transcendê-las a todas (TE, P. 33).

Esse *Eu* se estrutura por um processo de relações iniciado muito cedo pelo ser humano. A situação de nascimento, ao invés de ser um evento traumático como sugere a Psicanálise, seria, segundo Moreno, "*uma catarse de profundo alcance*" (PS, p. 109), momento de máxima espontaneidade e criatividade. Em expressão sua, "*a criança é um ator. Tem de atuar em papéis sem ter um eu e uma personalidade para isso. Como ator improvisado, cada passo que dá no mundo é novo*" (PS, p. 94). Portanto, nascemos sem *Eu*, sem *personalidade* e, no sentido religioso, até mesmo sem alma. Moreno entende que a idéia de uma alma dada "*a priori*" seria incompatível com a noção de *ESPONTÂNEO CRIADOR* e com o "*princípio da espontaneidade*", tal como ele o concebe. Aliás, salienta a esse respeito que

*"Também para o teólogo moderno seria vantajoso conceber a alma como uma entidade que se cria e evolui a partir de milhões de pequenos começos. Assim, a alma não está no começo, mas no final da evolução". (PS, p. 26).*

Este modo moreniano de pensar a espiritualidade está em perfeita coerência com aquela idéia de um *Deus/eu* que somente apareceu como tal após a criação e jamais antes. O que nos interessa destacar aqui, sobretudo, é a precedência dos papéis em relação ao *Eu*. Moreno afirma textualmente que "*o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia emerge dos papéis*". (PS, p. 25). E isto é fundamental para compreen-



dermos corretamente a proposta terapêutica de Moreno e o Psicodrama.

O *Eu* aparece como *função da espontaneidade* através dos papéis, constituindo-se por meio destes. Por outro lado, como acontecimento segundo, manifesta sua estrutura também através do desempenho dos papéis. Estes são considerados por Moreno como "*formas reais que a pessoa assume*" (PS, p. 213). Ou se prefere, ainda em suas próprias palavras:

*"os aspectos captáveis daquilo que se chama Eu aparecem nos papéis em que este atua (FS, p. 69).*

Dessa forma, fica fora de dúvida e coerência e a implicação recíproca entre a teoria da constituição do *Eu* e a metodologia terapêutica proposta por Moreno. Não nos parece absolutamente possível compreender ou realizar uma sem a outra. O Psicodrama não pode ser reduzido a um método ou a um conjunto de técnicas que serviria a qualquer psicologia, sob pena de perdermos sua essência e seu caráter revolucionário.

Moreno, efetivamente, formulou uma teoria de personalidade diferente da de Freud e das psicologias anteriores; uma teoria social diferente da de Marx e uma teoria cósmica diferente da de Cristianismo. Se elas são realmente superiores, conforme pretendeu nosso autor, podem ser discutidas; mas, quanto à originalidade e à especificidade que as caracteriza não nos parece haver dúvida.

Essas preocupações, resultantes da pequena incursão que fizemos no vasto pensamento moreniano, conduzem-nos à seguinte hipótese:

*Toda ruptura com a filosofia terapêutica e com o aspecto místico do pensamento de Moreno implica a necessidade de resgatar o "princípio da espontaneidade" por outra forma, sob pena de se perder a essência do PSICODRAMA.*

Temos aí uma hipótese de trabalho que nos parece bastante razoável e cuja investigação se constitui em tarefa significativa para o desenvolvimento e a melhor compreensão do Psicodrama como teoria ou como prática terapêutica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — REVISTA DA FEBRAP, 3º ano, 1º número, p. 70.
- 2 — M. Merleau Ponty, Les sciences de l'homme et la phénoménologie, Cours de l'Université, p. 1.
- 3 — J. H. Van Den Berg, Psicologia Profunda, p. 16.
- 4 — J. F. Lyotard, A Fenomenologia, p. 13.
- 5 — Simone de Beauvoir, Na Força da Idade, vl. 1, p. 37.
- 6 — Wilson Castello de Almeida, in Revista da Febrap, pp. 70/1.
- 7 — Albert Einstein et Leopold Infeld, A Evolução da Física, p. 233.
- 8 — Henri Bouillard, A Lógica da Fé, p. 63.
- 9 — Thomas J. J. et William Hamilton, A Morte de Deus, p. 127.
- 10 — Jacob Levi Moreno, Psicodrama, p. 59.
- 11 — S. F. Mason, História da Ciência, p. 102.
- 12 — Albert Einstein et Leopold Infeld, op. cit., p. 237.
- 13 — Alfredo Naffah Netto, Psicodrama (descolonizando o Imaginário) p. 57.
- 14 — José S. Fonseca Filho, Psicodrama da Loucura, pg. 67, 69, 70.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTIZER, Thomas J. J. et HAMILTON, William. *A Morte de Deus*. Rio, Paz & Terra, 1967, 236 p.
- BEAUVOIR, Simone de. *Na Força da Idade*. São Paulo, DIFEL, 1961 2 vols.
- BERG, Jan Hendrik Van den. *Psicologia Profunda*. São Paulo, Mestre Jou, 1980. 188 p.
- BOUILLARD, Henri. *A Lógica da Fé*. São Paulo, Herder, 1968. 153 p.
- EINSTEIN, Albert et INFELD Leopold. *A Evolução da Física*. Rio, Zahar, 1966. 237 p.
- FONSECA FILHO, José S. *Psicodrama da Loucura*. São Paulo, Ágora, 1980, 139 p.
- LYOTARD, J. F. *A Fenomenologia*. São Paulo, DIFEL, 1967. 130 p.
- MASON, S.F. *História da Ciência*. Porto Alegre, Globo, 1964. 527 p.
- MORENO, Jacob Levi. *El Teatro de la Espontaneidad*. Buenos Aires, Editorial Vancu, 1977. 210 p.
- . *Fundamentos de La Sociometria*. Buenos Aires, Paidós, 2ª ed., 1972. 443 p.

—————. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 2ª ed., 1978. 492 p.

—————. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo, Mestre Jou, 1975. 363 p.

NAFFAH, Alfredo Netto. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo, Brasiliense, 1979. 271 p.

PONTY, M. Merleau. *Les Sciences de l'home et la Phénoménologie*. Paris, Centre de Documentation Universitaire, s/d.

REVISTA DA FEBRAP, 3º ano, número 1. Porto Alegre, 1980.